

**PUC** **viva**

WWW.APROPUCSP.ORG.BR  
PUBLICAÇÃO ACADÊMICA E INFORMATIVA  
TRIMESTRAL DOS PROFESSORES DA PUC-SP

ANO 7 - Nº 26 - ABRIL A JUNHO DE 2006

REVISTA

**CRISE**

**PUC-SP**

ANÁLISES E PERSPECTIVAS

ISSN 1806-3667

## CRISE

Este número da revista PUCviva reflete o impasse dos professores frente à crise da PUC. Por que impasse? Duas razões: heterogeneidade de visão e ausência de mobilização. Sem resposta coletiva dos docentes, a Fundação São Paulo e a Reitoria permanecem com as mãos livres para conduzir a crise a seu modo, a despeito das condições de trabalho e de ensino.

A apresentação das mais diversas análises terá algum valor caso ajude uma importante parcela dos professores a verificar que a inércia social é prejudicial à luta por uma solução positiva da crise.

Insistimos em afirmar que a Fundação objetiva mudar completamente o “modelo” da PUC. A concentração da dívida em dois bancos, o acordo em torno das demissões, a mudança do padrão salarial para baixo, a precarização das relações de trabalho, a liquidação do acordo interno, a imposição de critérios burocráticos de avaliação do desempenho docente e a abertura de cursos caça-niqueis indicam o grau de mercantilização do ensino que se pretende alcançar.

A desvalorização da docência é indissociável.

Acreditamos que esses aspectos devem servir de base para a leitura crítica dos artigos e para a reflexão coletiva da universidade. Há um outro plano que deve ser levado em conta: o gigantesco processo de mercantilização da universidade brasileira e o lugar ultra-secundário a que foi relegado o ensino superior público.

Parece tudo muito normal. Já não desperta reação entre os professores a devastação sofrida pela educação com sua transformação em fonte de negócios e lucros. Uma das características marcantes deste estado é a de que a educação não pertence à sociedade – como diziam os democratas –, mas sim ao empresariado. Pertencer à sociedade significava ser mantida pelo Estado, embora seu acesso fosse restrito a uma minoria, como ainda continua sendo. Flagrante contradição, certamente.

A defesa do ensino público implicava a luta pela autonomia universitária, que entre outros aspectos, continha a liberdade de cátedra e de pesquisa. A escola mercantil não comporta a autonomia, pois esta significa o direito do proprietário de gerir seus negócios como bem entender.

Em nome da qualidade e da investigação, no quadro de uma educação mercantilizada, o MEC vem estabelecendo critérios de “produção” e avaliação “qualis”. Impõe-se de cima para baixo regras de publicação e de qualidade formal. Pouco valem os trabalhos que não seguem o que a qualificada burocracia do MEC prescreveu. A auto-avaliação da universidade, que pressupõe uma relação complexa entre ensino e aprendizagem, para fins de aperfeiçoamentos e mudanças, somente é possível com a autonomia universitária real.

O alto grau de privatização levou o ensino superior à esdrúxula situação do “qualis” formal, do Currículo Lattes.

Um outro aspecto diz respeito ao empenho do MEC em implantar o ensino a distância. A Universidade Aberta foi regulamentada. O ensino presencial tem sido considerado coisa do passado.

O que a crise da PUC tem a ver com o curso desses acontecimentos? Ocorre que está sendo pressionada a se adaptar completamente. Está fadada à padronização mercantil, cujo conceito de produtividade, de valor do conhecimento e de avaliação deve estar de acordo com tal natureza. São problemas que avultam no processo de remodelação da PUC.

Esperamos que as diversas posições aqui expressas possam ser debatidas coletivamente no futuro próximo. Estamos em meio a importantes conflitos de posição. A APROPUC e sua revista crítica fazem parte desse contexto.

# EXPEDIENTE

A revista PUCviva é uma publicação acadêmica e informativa trimestral dos professores da PUC-SP, editada pela Apropuc, com tiragem de 2 mil exemplares.

## DIRETORIA DA APROPUC

PRESIDENTE: Priscilla Cornalbas

VICE-PRESIDENTE: Hamilton Octavio de Souza

1º SECRETÁRIO: Erson Martins de Oliveira

2º SECRETÁRIO: Graciela Deri de Codina

1º TESOUREIRO: Luiz Carlos de Campos

2ª TESOUREIRA: Victória Claire Weischtordt

SUPLENTES: Carlos Alberto Shimote Martins, Maria Beatriz Costa Abramides, Nicola Centrone, Sandra Gagliardi Sanchez e Vera Lúcia Vieira

CONSELHO EDITORIAL: Erson Martins de Oliveira; Hamilton Octavio de Souza;

Priscilla Cornalbas

## EDITOR GERAL

Erson Martins de Oliveira

## EQUIPE DA REVISTA

EDITOR: Ricardo Melani (MTPS 26.740)

PREPARAÇÃO E REVISÃO: Gabriel Kolyniak

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA, CRIAÇÃO DE CAPA: MAURO TELES

ILUSTRAÇÕES: A PARTIR DE FOTOS CEDIDAS PELA APROPUC

APROPUC-SP - Rua Monte Alegre, 984 - Sala p-70 - CEP 05014-001

Fones: 3872-2685, 3865-4914, 3670-8209 [apropuc@uol.com.br](mailto:apropuc@uol.com.br) • [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

## Normas de Publicação

A revista PUCviva divulga artigos, resenhas e trabalhos de interesse científico e acadêmico que estejam dentro da linha editorial da revista e na pauta da edição.

O Conselho Editorial se reserva o direito de não publicar as propostas de publicação, caso estejam fora das orientações editoriais desse periódico.

Os textos devem ser inéditos e as colaborações devem ser enviadas com a seguinte formatação:

- a) Artigos – 11 laudas ou 14 mil caracteres;
- b) Resenhas – 5 laudas ou 7 mil caracteres;
- c) Os textos devem ser entregues em cópia em disquete e cópia impressa em papel;
- d) As propostas de publicação devem seguir as normas da ABNT.

# ÍNDICE

---

5

IMPACTO NA PUC-SP

**Salma Tannus Muchail**

9

PUC-SP: DE QUE CRISE ESTAMOS FALANDO?

**Antonio Carlos Caruso Ronca**

17

AVATARES SOBRE A NATUREZA UNIVERSITÁRIA  
DA PUC-SP

**Luiz Eduardo W. Wanderley**

29

BALANÇO DA ATUAÇÃO DA  
APROPUC NA CRISE

**Erson Martins de Oliveira**

35

TREZE TESES SOBRE A PUCSP

**Luiz Felipe Pondé**

41

SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA, EXCELÊNCIA  
ACADÊMICA E COMPROMISSO SOCIAL

**Cláudio Gonçalves Couto**

49

OS SIGNIFICADOS DA CRISE E A  
CRISE DE SIGNIFICADOS

**Francisco Fonseca**

55

MAPA DO PODER. I

**Jorge Claudio Ribeiro**

59

PUC & APROPUC: DIMENSÕES DA CRISE

**Lúcio Flávio**

67

DA PUC QUE TEMOS...

**Diretoria da AFAPUC**

73

ENTRE A REESTRUTURAÇÃO CAPITALISTA E A  
UNIVERSIDADE SOBRE CONTROLE DA COMUNIDADE

**Rodrigo "Tufão"**

81

**DOSSIÊ 1**

A PALAVRA DA APROPUC NA CRISE

123

**DOSSIÊ 2**

UMA POLÊMICA





# IMPACTO NA PUC-SP

**Salma Tannus Muchail**

---

*Titular do Departamento de Filosofia,*

*Professora Emérita da PUC-SP e Membro do Conselho Universitário*

A atual situação pela qual vem passando a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo é de domínio público. Está divulgada em numerosas manifestações e iniciativas, nascidas algumas no interior da própria Universidade, provenientes outras de expressivos setores da sociedade brasileira. Há notícias meramente informativas e há textos reflexivos, há artigos que só querem descrever e outros que pretendem analisar. Para o leitor, que não tem nenhuma obrigação de conhecer a PUC-SP, nem de estar familiarizado com os problemas e embates do meio universitário brasileiro, pouca clareza e muitos equívocos podem ser transmitidos. Análises, certamente bem intencionadas, arriscam-se a ser reducionistas. Penso, por exemplo, em recente artigo de Luiz Felipe Pondé que, embora bem articulado e sério, acaba por limitar os múltiplos e diferentes posicionamentos que existem na Universidade a dois ou três tipos - os que compõem uma "aristocracia acomodada" e os que querem "salvar a PUC-SP de sua inércia histórica".

É preciso reconhecer que a situação difícil da PUC-SP vem de longa data e envolve ângulos bem mais complexos. Por isto mesmo, o leitor deve ser advertido de que este artigo abordará tão-somente o momento atual desta situação, e sob um só aspecto. Trata-se do episódio que fez deflagrar a presente crise e que foi, ao que parece, uma transformação significativa nas relações entre a Fundação São Paulo e a PUC-SP.

Mantenedora da PUC-SP, a Fundação São Paulo (entidade jurídica da Arquidiocese de São Paulo) assina admissões e demissões. É, a rigor, proprietária e empregadora. Por outro lado, a comunidade de professores, funcionários e alunos gera a vida substancial da instituição universitária, aquela que pulsa nas salas de aula, alimenta-se da pesquisa e vibra nos confrontos de idéias. Somos nós que, com acertos e erros, entusiasmos e conflitos, construímos a história da PUC-SP,

hoje valorizada pela boa qualidade acadêmica e reconhecida como símbolo de resistência a toda sorte de autoritarismo.

Tradicionalmente, porém, a relação da PUC-SP com a Fundação São Paulo não se restringiu a papéis tão cindidos. Pelo contrário, há pelo menos três décadas (das seis de existência da PUC-SP), é praticada uma espécie de pacto de convivência e mútuo respeito. Sob a chancela de D. Paulo Evaristo Arns, a quem recentemente tivemos a honra de homenagear com o justo título de Doutor Honoris Causa, a Fundação São Paulo, mais do que empregadora (ou menos?), exerceu também o papel de incentivar um estilo de gestão administrativa compatível com uma gestão acadêmica que privilegiasse a autonomia de pensamento e uma gestão de convívio que respeitasse o pluralismo comunitário. Foi nesta ambiência que pudemos nos dedicar com alma à instituição, nos identificar com ela, a ponto de considerá-la “nossa” universidade.

Então, a perplexidade. A mesma Fundação São Paulo, quando praticou o gesto das recentes demissões, parece ter-se revestido de um autoritarismo assemelhado ao que ela combatera ao nosso lado. Ninguém na PUC-SP é cego ao déficit financeiro que, também há décadas e por força de uma conjugação de variáveis, se arrasta e vem se avolumando. Portanto, ninguém, responsabilmente, negaria que a redução da folha de pagamento e as mu-

danças na gestão administrativo-financeira eram necessárias. Desnecessário porém, foi o modo de executar o procedimento das demissões cujo impacto violentou histórias pessoais, atropelou as regras estatutárias, desconheceu as competências dos órgãos deliberativos, ignorando, especialmente, o caráter soberano do Conselho Universitário, órgão colegiado superior, responsável pelo cumprimento do Estatuto e pela garantia da humana dignidade de todos os membros da comunidade universitária. Mudanças, com certeza, eram necessárias. Mas necessário também era que, no mínimo, o Conselho Universitário - e por ele, toda a comunidade - tivesse pleno acesso à clareza dos motivos e à visibilidade dos critérios que regeram as demissões.

Rompeu-se, neste impacto, o pacto de três décadas? Em nossa perplexidade, perguntamos hoje se e quais outros gestos virão. Que horizonte se desenha na (nova) relação (ou cisão?) entre a comunidade universitária e a Fundação São Paulo? Esta ainda é “nossa” Universidade? Qual é o lugar da Reitoria na interlocução de duplo rumo, isto é, não somente da Fundação São Paulo junto à PUC-SP, mas também da comunidade junto à Fundação? A Universidade, por todas as vias legítimas de que dispõe e, especialmente pela intermediação de seu Conselho Universitário, tem o direito e o dever de formular estas questões, ouvir respostas e ser ouvida. Nosso envolvimento com a situação é ainda por demais imediato, mas tudo indica que

# IMPACTO NA PUC-SP

---

a súbita transformação pode produzir efeitos imprevisíveis. Todavia, o acolhimento de questões que a comunidade considera justas

e quer ver esclarecidas talvez seja um começo de recomposição das fraturas.

*São Paulo, 20 de Abril de 2006*



